

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA



Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO  
GERAL DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9\$50; Província, 3 meses 6\$00; África Portuguesa, 6 meses 10\$00  
PAGAMENTO ADIANTADO

QUARTA-FEIRA, 25 DE AGOSTO DE 1925

## A burguesia de ostentação, de luxo e prazer julgada pelo presidente do ministério

O general sr. Carmona concedeu a novo diário *Portugal* uma entrevista interessante que as condições em que a imprensa actualmente vive não nos permitem apreciar com aquela afoiteza de que só usam agora os jornais de feição governamental.

Entretanto, parece-nos que ainda nos é permitido achar bastante curiosas as declarações do presidente do ministério.

Apreciai a situação do operariado e, diga-se de passagem, com uma certa larguesa de vistas de que raros conservadores são capazes. Diz a determinada altura da sua entrevista:

«Se a missão do governo é moralizar e restringir as despesas, evitando o *regabofe nacional*, a cuja mesa se sentavam as bocas dos indesejáveis que são, afinal, essa burguesia de ostentação, de luxo e de prazer, que constitui uma afronta ao viver honesto e humilde das classes trabalhadoras, se a obra do governo pretende exterminar de vez a política da mentira, da corrupção e da venia, que tudo perverte, desde os costumes aos caracteres - o operariado deve estar com o governo, e o governo saberá, de comum acordo com ele, fazer valer as suas mais legítimas reivindicações, que as possui.»

A seguir traça o entrevistado um largo elogio à Igreja católica, que já não nos interessa neste momento. O que nos interessa são as referências ao operariado por virem de quem vêem.

## A grande festa em favor de "A Batalha" promete ser interessantíssima

Causou boa impressão nos meios operários a notícia que ontem publicámos de uma comissão escolar do Sindicato Único da Construção Civil se propôr realizar na próxima segunda-feira uma grande festa em favor de *A Batalha*.

Já ontem nos procuraram inúmeros camaradas que nos pediram bilhetes, os quais serão por estes dias postos à venda, e que dado o entusiasmo que estamos verificando, devem esgotar-se rapidamente.

A festa realiza-se no Salão de Festas da Construção Civil, na calçada do Combro, 38-A, 2.º e promete pelo brilhante programa que se está organizando ser das mais curiosas e atraentes que nestes últimos tempos se têm organizado.

Todos os elementos que na formosa festa tomarão parte vão esforçar-se por torná-la brilhantíssima, já porque têm faculdades artísticas para isso, já porque o produto dela reverte a favor do órgão dos trabalhadores.

Como ontem dissemos iniciar-se há o espetáculo por uma conferência do nosso camarada Nogueira de Brito.

Em seguida o Grupo Dramático Solidariedade Operária, cujos créditos artísticos vêm sendo firmados por um trabalho persistente e consciencioso, representará uma engraçadíssima comédia que obterá, estamos certos, um êxito enorme.

Já ontem fizemos menção a uma revista escrita especialmente para esta festa. Chama-se *Sem pés nem cabeça* e seu autor, pessoa de incontestável talento, empregou os seus melhores esforços para torná-la uma das partes do programa mais atraentes e interessantes.

Verifica-se, por esta iniciativa, que o proletariado está na boa disposição de não deixar *A Batalha* desaparecer por falta de recursos.

Os donativos continuam a fluir à nossa administração como se verifica pela lista que noutro lugar publicamos.

(\*) Transporte. 1.862\$60

Quete aberta pelos pintores do Manicomio para <i>A Batalha</i> : Guilherme Horta, 5\$00; Raulino Felix dos Santos, 5\$00; António Caldeira, 2\$00; António Braz, 2\$00; António Mendes, 3\$00; Eduardo Ricardo, 3\$00; José Rodrigues, 3\$00; Cândido Ribeiro, 5\$00; Virgílio Nunes, 5\$00; J. Jaime Bernardo, 5\$00; João, 5\$00; Soma, 5\$00.	De cinco compositores e um impressor da Imprensa Libânia da Silva, a saber: Júlio Lourenço, 2\$50; Américo Castanheira, 2\$50; Mário Dias, 2\$50; José Firmino Miranda, 2\$50 e Frederico Bernardo, 2\$50. So-
43\$50	Carlos F. Carvalho, 5\$00; Correia de Sousa, 5\$00; Maximiano Pinheiro, 5\$00; Um patriota, 5\$00; Manuel dos Santos, 5\$00; Francisco Gomes, 5\$00; Gonçalo de Sousa, 5\$00; Eugénio Costa, 5\$00; Tiago de Santana Chora, 5\$00; Maximiano Luís, 5\$00.
25\$30	Quete aberta na Oficinas Gráficas de Verol & C. Pereira, 1\$00; Mario, 1\$00; Tereza, 5\$0; Silva, 5\$0; Joaquim, 2\$50; João, 5\$0; Carvalho, 5\$0; José, 5\$0; Eugénio, 1\$50; M. M. 2\$50; Soma, 5\$00.
11\$00	Quete aberta na Praça Luiz de Camões, entre estucadores e Pintores: António Moledo, 2\$50; Julio Silva, 2\$50; João Cruz, 1\$00; Artur da Silva, 1\$50; Luiz Pacheco, 1\$50; Um deportado L. M., 1\$50; Agostinho, 1\$50; Manuel Godinho, 1\$00; Carlos Fernandes, 1\$50; Carlos Costa, 2\$00; Soma, 1\$50.
16\$50	Quete em Valado das Frades: António dos Reis, 1\$00; João Rodrigues Lopes, 5\$00; Filipe A. Matias, 5\$00; Eduardo Camacho, 2\$50; Manuel Paiva de Sousa, 2\$50; Constantino Fernandes, 2\$50; Hermínio Jordão, 5\$00; João Dias Afonso, 2\$50; Jacinto Augusto, 2\$50; Manuel Bispo Júnior, 2\$50; Carlos Salvador Filipe, 2\$50; N. N., 2\$50; Raúl Torres, 2\$50.
72\$00	

## O POBRE MÁRTIR DA IMPRENSA...

### O sr. Homem Cristo Filho foi pela primeira vez vítima das suas "ideias"...

Nunca o povo trabalhador atraíra-se uma quadra tão angustiosa como a actual. Está sofrendo as maiores misérias devido, precisamente, a essa burguesia de ostentação, de luxo e de prazer, como muitos acentuou o presidente do ministério.

A crise de trabalho espalha a dor e a desolação por todo o país. Sabem muito bem o sr. presidente do ministério, já porque é um problema do domínio público, já porque inúmeras comissões operárias o têm procurado para o elucidar sobre a situação precária das respectivas classes, a qual não é estranha a agravante de serem doutrina natureza que permuta-se harmonia com a natureza do *jouleur* arremessado para Paris, numa sacudida brutal de mau humor.

Merece por todos os motivos e mais uns, eis mais um consubstancial-se na manifestação feita por arlequins e ingénios na estação do Rossio - transcrever-se as explicações que o general detentor do actual momento político, sr. Carmona, deu no seu *órgão* o *Portugal*:

«O sr. general Carmona declarou-nos: Ah!... refere-se ao sr. Homem Cristo, Filho... Eu não conhecia esse senhor até à data do movimento de 28 de Maio. Lembramo-me que, a quando titular da pasta dos Estrangeiros e no final dum conselho de ministros, o sr. general Gomes da Costa mostrou desejos de ficar a sós comigo. Os meus colegas abandonaram a sala e eu fui para um canto da janela com o então chefe do governo, que, entre outras coisas, me disse querer apresentar-me o sr. Homem Cristo, Filho. A porta da sala abriu-se e o sr. Homem Cristo entrou, sobrepondo uns papéis. O sr. Homem Cristo expôs o fim da sua visita, previamente preparada pelo general Gomes da Costa.

— E era...

— Apresentar-me o projecto da constituição de um organismo ou comité de propaganda de Portugal em Paris, organismo que se propunha defender o movimento militar português no estrangeiro. Trazia já o projecto elaborado - pronto a ir para o *Diário do Governo*...

— E V. Ex.º?

— Objetei que discordava de tal projecto, que a pôr-se em prática, acarretaria aumento de despesas, sem grande necessidade.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— E quanto custava ao Estado esse comité?

— O sr. Homem Cristo, Filho, falou-me em trinta escassas libras por mês!... O pior é que todos os funcionários, muitos deveriam ser elos, escolhidos, certamente, pelo sr. Homem Cristo, naturalmente indicado para dirigir essa instituição, seriam pagos pelo Estado...

— Não concordou V. Ex.º com esse projecto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc., etc.

— O projecto era vasto?

— Muito vasto. Iratava-se, como lhe disse, de um comité de propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao ministério dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomáticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrange

ter praticado qualquer acto de que não resultasse para o operariado o benefício que sinceramente desejava — mas não se demite perante a força de meia dúzia de pistoleiros que, dizendo-se anarquistas, não representam com tais actos nem o sentir da U. A. P., nem o sentir do proletariado organizado.

Estamos aqui para obedecer, enquanto pudermos, às determinações do povo trabalhador legitimamente representado nos seus organismos de classe, mas não andamos ao mando de um grupelho sem escrúpulos que, para satisfação dos seus rancores pessoais ou das suas ambições inconscientes, usa de processos que deslustram todos os que militam nos meios revolucionários.

Andam agora elementos desse grupo de despeitados pela província bolsonando calúnias sobre as pessoas que odciam. Querem desmantelar o que a Organização Operária ainda tem de sólido e resistente. Seu cego rancor, se lhe des deixarmos o passo livre, há de levá-los, ébrios de trágico triunfo, a governar sobre um montão de ruínas. As ruínas de uma organização que foi grande e que as ilegítimas ambições pessoais vão pouco a pouco aniquilando.

### TEATRO SALÃO FOZ

Matinée às 3 h. — Soirée às 9,15 h.

O maior sucesso da actualidade

**Henriette Darmy**

Escultor, bailarina clássica francesa

**Marion Valdora**

Fernosa dançarina fantasiada francesa

**Elenita Espanha**

Instituta: te coquettista o-paulista

NO ECRAN—Films de sensação

Superior, 2500; Plateia ou Balcão, 5500;

Camarotes, 1500; Fritas, 20,00;

No Foz não há calor — 21 janelas

### Rendimentos dos operários

Trabalhador que cai de uma pedreira

No Pôsto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo e foi para casa, António José, de 33 anos, trabalhador, residente na Cruz das Oliveiras, que caiu numa pedreira, na Serra de Monsanto, ficando ferido no rosto.

Marítimo ferido a bordo

No Pôsto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu curativo Joaquim Mauricio, de 48 anos, marítimo, natural e residente no Selvado, que caiu a bordo de um barco fundado em Pedrouços, ficando ferido na cabeça e contuso na perna direita.

Para garantir a existência de A BATALHA bastará que cada leitor lhe arranje outro leitor, que cada assinante lhe arranje um novo assinante.

### Sociedade "Estoril"

Horário dos comboios da linha de Cascais em vigor desde 21 de Agosto de 1926.

Partida do Cais do Sodré: 0,15; 1,00; 7,15; 8,35; 9,43; 10,25; 11,15; 12,20; 12,38; 14,05; 14,15; 16,20; 17,18; 17,25; 17,30; 18,00; 18,30; 19,05; 19,15; 19,5; 20,15; 21,10; 23,00; chegando estes comboios a Cascais, respectivamente, às 0,58; 1,55; 2,1; 3,5; 10,42; 11,06; 12,21; 13,03; 13,38; 14,46; 15,15; 17,04; 17,59; 18,08; 18,36; 18,57; 19,29; 19,46; 20,19; 20,33; 21,21; 22,05; 23,53.

O comboio que parte do Cais do Sodré às 14,05, só se realiza aos domingos e dias feriados, e os comboios que partem da mesma estação às 17,18 e 18,00, não se efectuam nesses dias.

Partida de Cascais: 0,30; 1,15; 5,50; 7,14; 8,20; 9,00; 9,10; 9,33; 10,00; 11,02; 11,30; 12,55; 14,15; 15,10; 15,50; 17,40; 18,19; 18,50; 19,00; 20,00; 21,40; 22,25; 23,10; chegando estes comboios ao Cais do Sodré, respectivamente, às 1,25; 1,58; 6,56; 8,20; 9,26; 9,41; 10,10; 10,16; 10,59; 11,59; 12,11; 13,54; 15,53; 16,50; 18,46; 19,00; 19,33; 20,00; 20,55; 22,33; 23,08; 0,03.

O comboio que parte de Cascais às 10,00 não se efectua aos domingos e dias feriados.

### Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro nº deste interessante suplemento, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variadíssimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45,00.

Encadernação (por capa e índice), 20,00.

Capas e índice em separado, 15,00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

### LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

O título do nº 10 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$50. Pelo correio \$70.

LER E ASSINAR

"Os Mistérios do Povo"

### O LIVRO DOS LIVROS...

### Não há uma única prova directa da autenticidade da Bíblia

Resalta imediatamente a ideia duma falsificação. E, de facto, sabe-se porque o diz expressamente o quarto livro dos Reis, no capítulo XXII, que no tempo do rei Josias, foi achado por Helcias no templo (tomem nota!) um livro que trazia a de "lhe o senhor". Este livro indeterminado (um) foi lido atentamente, como constituindo para aquela gente uma novidade em folha. Era o *Deuteronomio*, mais tarde atribuído a Moisés, e evidentemente forjado pelo próprio Helcias, num intuito de interesse clérical: influenciar no ânimo fraco do rei, por forma a submeter de novo a realeza à tutela dos sacerdotes, garantindo entre os judeus o regime teocrático que lhes matou a nacionalidade.

Todo o *Pentateuco* é pela igreja atribuído a Moisés. Ora eu sempre quereria que a Igreja me explicasse como foi que Moisés pôde escrever tudo aquilo no deserto (porque o libertador do povo judaico não chegou a repousar na terra da Promissão), teve ainda sobre os ombros o peso do encargo de guiar e governar um povo tão turbulento que já nem lhe dava descanso?... A falsidade da asserção torna-se evidente desde que nisto se pensa. Para se escrever uma obra de tal tom e de tão profunda elaboração mental, como é incontestavelmente o *Pentateuco*, precisava-se de uma vida tranquila e recolhida, qual não foi a vida de Moisés durante a sua larga travessia desde Ossesse ao Jordão.

Os livros legados por Moisés, se é que Moisés escreveu, e pelos canónicos até ao cativo de Assíria, haviam sido depositados na biblioteca do templo da Jerusalém e desapareceram no incêndio que devorou este monumento, quando Jerusalém foi entregue ao saque dos vencedores. Regressados do cativo os judeus, grácia as boas disposições de Ciro, grato ao auxílio que os judeus lhe haviam dado para a conquista de Babilónia, sentiu-se a necessidade de impôr leis ao povo, autorizando-as na tradição. Recorreu-se então aos factos pela tradição conservados, recolheram-se lendas, preceitos, costumes, e Neemias, Helcias, Esdras deram-se ao fatigante trabalho dessa elaboração fraudulenta. Calculou-se que deveriam ter sido as obras devoradas naquele deplorável incêndio. Reconstituiram-se e como durante o cativo no espaço judaico se haviam infiltrado crenças calvinistas e medo-persas, essa evolução religiosa se afirma na nova redacção dos livros, sobretudo com a doutrina da tuta entre os dois principios, o mito da serpente, o eden, o diluvio universal e o messias, vestido tudo dos cultos heliolíticos do Oriente.

Não obstante, Moisés, que até ao séc. VII antes da nossa era, passava para os judeus apenas como um guia e um legislador, e cuja autoridade como escritor ninguém invoca sob os juízes e os reis, passa desde logo como autor autêntico do *Pentateuco*, para que estes livros, adquirindo carácter de antiguidade, se imponham ao povo com a autoridade dos séculos que lhes são atribuídos!

É um facto averiguado que Esdras e Nehemias, pelo menos, "reviraram" e redigiram de novo os livros atribuídos a Moisés. As crenças, que não sendo de origem semita, nessa nova redacção se encontram expressas, e as passagens relativas a factos ulteriores à vida de Moisés, não podem deixar de ser atribuídas a refundições e ampliações, que bastam a tirar a autenticidade a tais livros. Mas a certeza é de que falta de autenticidade sobre de ponto sabendo-se que Esdras completou as supostas tradições moaiscas, recolhendo tradições mais ou menos lendárias espalhadas entre o povo, e acrescentando as de episódios mais ou menos interessantes, frutos da sua fantasia, como a interpelada narrativa da expedição de Abrahão contra Sodoma no capítulo XIV do *Genésis*.

\*\*

Toda a literatura lírica da *Bíblia* é, em geral, atribuída ao rei David; toda a literatura de carácter filosófico é, em regra, atribuída ao sábio Salomão. Com justiça? Não, como já vimos ver. Mas então como provar a autenticidade de uns livros acerca de cujos autores não há sequer visos de provável autenticidade?

O *Cantico dos Canticos*, os *Proverbios*, *O Eclesiástico* e a *sabedoria*, livros todos atribuídos pelos autores a Salomão, está hoje provado terem sido elaborados em épocas diferentes. E quanto aos canticos atribuídos a David (os *Psalmos*) são, em maioria, obra dos poetas reúnidos no tempo do rei Ezequias, poeta também como o nosso D. Diniz, que mandou coligir, e acrescentou o velho tesouro lírico da Judeia. Muitos dos *Proverbios* chamados de Salomão neste tempo foram também coligidos. E tudo isto se fez *após o captivo*, quer dizer, séculos depois de David e Salomão.

Na falsificação dos livros atribuídos a Moisés, adoptou-se como de patriarcas (facto que não pode ser recusado pelo próprio Leodormant a-pesar de católico), nomes de cidades e heróis dos outros povos semitas, como Jafet e Noé. A palavra *Eloim*, designativa das velhas crenças politeístas dos judeus, pois que significa os deuses, é substituída pela expressão monoteísta de Jéhovah (*eu sou aquele que é*) designativa de um só Deus, inventando-se a propósito a história da carga ardente que se não consome, a-pesar do fogo que a envolve, e do medo da qual Deus fala a Moisés.

Numa crítica feito pelo *Correio Nacional* no volume anterior, *Asneiras bíblicas*, acusa-me o crítico de ter falsificado o texto bíblico, na passagem relativa à cábula efectuada pelos filhos dos deuses sobre as filhas dos homens. O crítico, que é um parafuso, agarra-se à tradução de S. Jerónimo que diz *fili Dei*, ou filhos de Deus. Mas o falsificador deve ser S. Jerónimo, que traduz como se lá estivesse o termo de significação monoteísta.

Os outros livros sagrados sofreram também falsificações, reveladas na sua uniformidade de linguagem com os livros atribuídos a Moisés, o que mostra que a sua redacção definitiva partiu dessa mesma época e duns mesmos indivíduos evadidos da mesma educação moral e mental, e das mesmas precepções políticas.

A organização da sociedade judaica referida no *Pentateuco*, é toda recalada sobre a constituição egípcia, e nunca obteve realidade de execução plena entre os judeus, nem sob os juízes nem sob a monarquia. A firma *Esdras & C.* devaneava valendo-se da sua erudição como alimento dos vómos imaginativos.

Heliodoro SALGADO.

### TIVOLI —

TELEFONE N. 5474  
ÁS 21 HORAS

**O Conde Kostia**  
Drama em oito partes, com o eminente artista CONRAD VEIDT

**O homem de ciéncia**  
• Film de aventuras, em cinco partes, com FRED THOMPSON e o seu cavalo "RAIO".

**UMA CINE-FARÇA**  
Revista cinematográfica

**A'manhã—Matinée às 3 h.**

PHOCÉA apresenta o grande actor alemão CONRAD VEIDT, no "film" O CONDE KOSTIA, baseado no famoso romance de V. GREGORIEV.

CONRAD VEIDT, pela sua interpretação impecável, prodigiosa de verdade, em que sobrepassa uma aliciante cena de sonambulismo, faz uma criação de arte do CONDE KOSTIA, pelúcia já em si digno do melhor teatro. O seu personagem é o conde de Kostia, que é de misterio e de nobreza, e que o encenador JACQUES ROBERT sabe arquitectar, aproveitando as páginas cínicas do romance. O Conde Kostia é esta magistralmente desempenhado, não só por Conrad Veidt, como pelos artistas André Noël, Pauline, Olga, Alexandre e E. Dantzig. A scena "escor" nas montanhas abraçadas, o que deu ensejo à filmagem de paisagem de grande beleza.

### TEATROS

O programa das "matinées" e "soirées" no Foz justifica plenamente as suas sucessivas encherias. Nele figuram a bailarina clássica Henriette Darmy, a dançarina fantasiada francesa Marion Valdora e a couplesta hispana Elenita Espanha. Os espectáculos que são os mais interessantes e os mais baratos de Lisboa, abrem com uma explendida película.

— E' hoje, definitivamente, que no Nacional se efectua a "première" da segunda peça do repertório dos ilustres artistas Ida Stichini e Alexandre de Azevedo, a comédia de Gerald e Spitzer, "Se eu quisesse...".

— O que não dizer de um grande crítico parisiense, é, uma comédia honesta sobre a honestidade feminina, num lindo e imprevisível assunto, e que Régis Gignoux, na "Comédia", classificou assim: "Nó há nada nessa peça que não seja maravilhosamente delineado e conduzido, sendo o diálogo dum pureza e de uma harmonia que encanta".

— Os dois principais papeis de "Se eu quisesse..." criados em Paris por Martha Regnier e Vitor Boucher são desempenhados por Ida Stichini e Alexandre de Azevedo (Genoveva e Filipe). Albertina de Oliveira interpreta a "coquette Marcela", criação de Denise Grei; Raul de Carvalho interpreta o papel de "Berthia"; Luis Pinto, que amavelmente faz um pequeno papel, o personagem de "Samon", e Octavio Brahmão, o de "René", respectivamente criados em Paris por Luguet, Gravay e Valtier.

— E' na próxima sexta-feira que se estreia no teatro do Gimnásio a companhia Cremilda de Oliveira, em cujo elenco figura a notável artista Adelina Abrantes e outros elementos de valor, como Tomás Vieira, Sacramento e outros.

### AOS NOSSOS CORRESPONDENTES

A expansão dum jornal está sempre na razão directa da dedicação e do esforço dispensado por todos os seus servidores.

Jornal operário, por e para trabalhadores feito, A Batalha carece de muitas e grandes dedicações que de tóda a parte a informem do sentir dos oprimidos, cujos protestos, queixumes e aspirações ela tem a missão de interpretar, ao mesmo tempo que os orienta na maneira de conseguirem emancipar-se.

E porque o correspondente é sempre o elo que liga o jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informações, no que prestarão um bom serviço à causa e evitarão que, muito a nosso pesar, os eliminemos do caderno-registo dos nossos informadores.

— E porque o correspondente é sempre o elo que liga o jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informações, no que prestarão um bom serviço à causa e evitarão que, muito a nosso pesar, os eliminemos do caderno-registo dos nossos informadores.

A todos aqueles que se nos têm oferecido para correspondentes nas localidades onde ainda os não temos, solicitamos que nos enviem urgentemente duas fotografias, uma para o cartão de identidade que lhes será distribuído, e a outra para o nosso registo.

### SOCIEDADES DE RECREIO

Comando Geral de Artilharia.—Promovido por uma comissão de sócios desta Academia, realiza-se num dos primeiros domingos do próximo mês de Setembro um passeio à Vila Franca e Vila da Azambuja, havendo no agradável sítio denominado as "Obras" um "pic-nic" de confraternização entre a banda que acompanha a excursão e o Grupo Dramático João Ferreira, além de diversos atractivos. Para este passeio se que se realiza a bordo dos barcos a gasolina da Cooperativa dos Catrteiros, encontrando-se já à venda, no gabinete da direcção, os bilhetes que, ao preço de \$5,00 cada, poderão ser pagos em três prestações de \$5,00 cada.

## MARCO POSTAL

Porto - A Comuna - Recebemos 60\$ de Roberto Lima da n.º 11 a 20.

## AGENDA

CALENDARIO DE AGOSTO

	6	13	20	27	HOJE O SOL
	7	14	21	28	Aparece as 5,55
	8	15	22	29	Desaparece as 19,18
	9	16	23	30	FASES DA LUA
	10	17	24	31	L. N. dia 8 as 13,49 R. G. * 16 * 16,50 R. G. * 23 * 12,38 Q. M. * 30 * 4,40

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94,75	
Madrid cheque	3,02	
Paris, cheque	5,50	
Suíça, *	278,5	
Bruxelas cheque	5,54	
New-York, *	19955	
Amsterdão	7,58	
Itália, cheque	364,5	
Brasil, *	3805	
Praga, *	5,58	
Suécia, cheque	5324	
Austria, cheque	2777	
Berlim, *	4,66	

## ESPECTÁCULOS

## TEATROS

Teatral - As 21 - Os Filhos...  
Omnibus - As 21,30 - «Três Meninas... Nuas...»  
Espanha - As 21,22 - A Casa de Suzanas...  
Espanha - As 21,22 - O Dr. da Mula Ruça...  
Maria Vitoria, - As 21,22,23 - «Olarilhas...»  
Espanha - As 21 - «Variedades...»  
Jardim das Rosas - As 21,22,23 - «Atrizes...»  
Liceu Enrique - Todas as noites. Concertos: di-  
versos.

## CINEMAS

Tivoli - Olympia - Central - Condes - Chiado Ter-  
rasse - Ideal - Arco Bandeira - Promotora - Esperança -  
Torre - Cine Paris.

## LIMAS NACIONAIS

UNIÃO - Só a grande fábrica  
propaganda de  
dado lugar a 413  
sindicalistas  
sindicalistas  
sumam em Portu-  
gal limas estran-  
geiras. Visto que  
a fábrica de Limas  
Touros da Em-  
presa de Limas  
União Tome Fetter, L. L. - rivalizam os pre-  
ços que a fábrica  
experiencia, pois as nossas limas que  
encaram a venda em todos os países  
em erros de terceiros países.

## ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria e Kiosque

FÁBRICA  
cadrilhos, mosaicos, azulejos, cimento  
GOARMON & C.  
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19  
- TELEF. C. 1244 - LISBOA -

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO GARCIA, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões - Dr. Armando Nar-  
ciso - As 5 horas... Dr. Bento Vilar - 4 horas.  
Cirurgia, operações - Dr. Bento Vilar - 4 horas.  
Rins, vias urinárias - Dr. Miguel Magalhães - 10  
horas.  
Pé e sifilis - Dr. Correia Figueiredo - II e as  
5 horas.  
Doenças nervosas, electroterapia - Dr. R. Loff-  
2 horas.  
Doenças dos olhos - Dr. Mário de Matos - 2 horas.  
Gastroenterologia, urina e urinália - Dr. Mário Oliveira -  
12 horas.  
Estomago e intestinos - Dr. Mendes Belo - 3 ho-  
ras.  
Doenças das membranas - Dr. Emílio Palva - 2 horas.  
Doenças das crianças - Dr. Filipe Manso - 12 ho-  
ras.  
Tratamento de diabetes - Dr. Ernesto Roma - 5  
horas.  
Boca e dentes - Dr. Armando Lima - 10 horas.  
Câncer e rádio - Dr. Cabral do Melo - 4 horas.  
Raio X - Dr. Alvaro Saldaña - 4 horas.  
Análises - Dr. Gabriel Beato - 4 horas.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 38 desta revista  
intitulado *El drama de um amor vulgar*, de  
J. Rodriguez Aragón - Preço - \$50.

Pedidos à administração de A Batalha.

do arribalde, e voltar pouco depois com... com um grande gato preto.

— Oh! já adivinhô o que é! O gato preto é, para aqueles pobres alucinados, um animal simbólico por exceléncia... E que foi feito do gato?

— Não sei... mas o que sei... o que é certo é que, passada uma hora, a menina saiu, radiante de felicidade e alegria. Mal parecia tocar com os pés no chão; emfim, a expressão da sua fisionomia tinha-se alterado a tal ponto que eu perguntei a mim mesma — e ainda às vezes repito a mesma pergunta — se este homem não tinha recorrido a alguma feitiçaria para transformar assim tão subitamente a minha pobre Berta... Ela não trouxe para Mezélan as moedas de ouro nem as pedras preciosas que tinha tirado do seu cofresinho. Ou isto foi porque, sabendo que o velho se tinha arruinado, o tenta querido socorrer, ou porque tinha comprado caro algum... Mas não! isso não pode ser.

— Minha pobre Marion, nem todos os gatos pretos deste mundo me podiam dar crédito às feitiçarias; mas causa-me, na verdade espanto, essa súbita mudança que dizei ter-se dado no espírito da menina, logo depois da sua visita ao vosso primo, especialmente, se, como afirmais, se conservou essa mudança.

— Sem dúvida que se conservou, porque de então para cá, nunca mais a vi triste nem pensativa como antes. Ela parece esperar com impaciência o vosso regresso para tomar uma resolução que deve referir-se a algum projeto de viagem. Enfim, quando ela me fala da sua falecida e boa mãe, o que lhe sucede muitas vezes, fala de tal maneira que parece — e também acho isto inexplicável — a menina fala-me como se tivesse esperança de em breve tornar a vê a mãe... Então os olhos da minha pobre Berta tornam-se tão brilhantes, que lhes não posso suportar o fulgor; o seu rosto resplandece de celestial beleza; parece-me vê-la transformada; como já vos disse, e...

Depois, interrompendo-se, Marion disse ao velho escudeiro:

— Silêncio! ai vem a menina...

Berta de Plouernel entrou vagarosamente no salão; estava mais bela e mais fresca do que nunca o tinha estado; trajava de branco. O velho escudeiro inclinou-se respeitosamente deante dela, que, ao vê-la, fez um movimento de surpresa:

— Eu não corri logo à presença da menina, disse ele, porque as notícias que trago são das mais tristes.

— Deixa-nos sós, minha boa Marion, disse a menina de Plouernel à ama. Preciso de ficar só com du Buisson por um instante.

Marion saiu, e Berta disse com bondade ao escudeiro:

— Não fiqueis de pé; deveis estar fatigado, depois dum tão longa viagem...

E como o velho hesitava em obedecer, ela disse ainda:

— Sentaí-vos... exijo-o eu...

O escudeiro sentou-se, e Berta continuou:

— Tornais então a trazer-me a minha carta?

— Aqui está, menina! replicou o velho. Não entrei o destinatário...

E, tirando da carteira uma carta entregou-a à menina de Plouernel, que a recebeu e pôs sobre uma mesa, dizendo:

— Não pudeste encontrar o sr. Nominé Lebren, nem ter notícia dele?

— Nada, meninal... Apenas parti de Mezélan, disseram-me que os aldeões revoltosos, a caminho de Rennes, e acompanhados pelo contingente das paróquias, à medida que avançavam, tinham chegado a reunir-se em número de mais de vinte mil, bem armados: um verdadeiro exército. Os srs. Lebren e Serdan tinham-no quase disciplinado; com tudo, a pensar nos seus esforços, algumas desordens tiveram lu-

gar nos castelos e nas paróquias. O grupo dos camponeses caminhava sempre em direcção a Rennes. Eu

esperava alcançá-lo em Guémenea, mas lá me disseram que, tendo vindo delegados do duque de Chaulnes, governador da Bretanha, à cidade, afiançar que os senhores aceitavam o «Código do Camponês», que os vassalos seriam aliviados nos tributos reais, e de ora em diante salvaguardado contra as exacções do fisco, e contra os maus tratos dos senhores e dos padres...

Tais promessas causaram aos aldeões uma extrema alegria. Eles exclamaram que, tendo obtido o que pretendiam, estava acabada a guerra, e que iam voltar para as suas paróquias. Lebren e Serdan, longe de partilharem a confiança dos vassalos, aconselhavam-nos a que não depuzessem as armas, assegurando-lhes que estavam sendo iludidos, para com essas falsas promessas, os induzirem separar-se, para depois os esmagarem... Ah! menina! estas promessas eram efectivamente mentirosas... eram uma cilada, um lôgo... mas que seduziu os aldeões, saudosos das suas casas, das suas mulheres, dos seus filhos... Em vão os chefes os aconselharam a marchar sobre Rennes, logo ordinário das sessões do Parlamento, para apoiarem esta assembleia na sua revolta contra o rei.

— Não foram atendidos?

— Não, menina... os vassalos, encantados por verem realizadas as suas esperanças, responderam que

não era possível que o sr. governador lhes mentisse dessa forma, e regressaram em bandos às suas paróquias, proclamando a aceitação do «Código do Camponês» pelos senhores e pelos padres, o que causou

grande alegria em toda a Bretanha... Sabendo da dispersão dos sublevados, indaguei do que seria feito dos chefes; disseram-me que os srs. Lebren e Serdan tinham ido a Rennes, e lá fui também...

O povo e a burguesia, menos credulos do que os aldeões, conservavam-se armados, bem como em Nantes, à espera

da abertura do Parlamento, prometida pelo sr. de Chauvines. Enquanto estive em Rennes, debalei pro-  
curei os srs. Lebren e Serdan, sabendo depois que

tinham seguido para Nantes, lá fui também ter. A chegada, soube que um corpo de dez mil homens, sob o comando do sr. de Forbin, acabava de chegar à Bretanha para esmagar todos os rebeldes parlamentares... No dia seguinte, Nantes era ocupada por dois regimentos, reforçados com cavalaria e artilharia... Começaram as execuções; no primeiro dia, quarenta e sete burgueses notáveis foram enforcados, e onze homens do povo rodados vivos...

— Quanto sangue! exclamou Berta. Que horrível!

— Foi lançado à cidade um tributo de cem mil escudos, pagável aos soldados no prazo de quarenta e oito horas. Uma ordem do governador condenava à morte quem desse asilo aos chefes da revolta, e entre aqueles cuja cabeça estava posta a prego, figuravam os membros da família Lebren...

— Assim devia ser, disse Berta. E em Nantes, sou-

bestes dos srs. Lebren?

— Não, menina... Logo supus que só me restava vir dar-vos conta da minha missão... Ah! atravessando a Bretanha, que horrível espetáculo vi... Por

toda a parte o roubo, a devastação, os suplicios... Os soldados andam como em país conquistado, praticando os mesmos roubos, as mesmas crueldades que em Flandres! Nas estradas há quase tantas forças como árvores! Os aldeões são torturados e mortos; os que fogem, perseguidos como feras pelos soldados! Não respeitam velhos nem crianças! violam as mulheres... Enfim, reina nos campos um terror tal, que ontem, passando por Lesneven, onde chegava uma companhia de soldados, vi uns vinte camponeses ajoelharem de mãos postas, suplicando:

— Degolai-nos se quereis... mas, por amor de Deus, não nos façais sofrer!

— Finalmente, esta manhã, em Kerer, uns soldados ebrios assaram uma criança viva!

— Oh basta! interrompeu Berta de Plouernel, es-

tremecendo horrorizada. E' horrível... Ai está o que é o grande séc... o que é o grande rei!!!... Ah! abençoada seja a hora em que eu deixar esta terra,

## SALVADOR BARATA, L. DA

RUA DAS GRIVOTAS, 19-A e 19-C.  
TELEFONE T. 546  
LISBOA  
Fabricantes das alvaiades marca «Gaivota» e únicos depositários

do «PÓ RODRIGUES».

O melhor destruidor de PÓS PERCEVEJOS,

BARATAS, FORMIGAS, ETC.

L. G. dia 8 as 13,49  
R. G. \* 16 \* 16,50  
R. G. \* 23 \* 12,38

Q. M. \* 30 \* 4,40

L. N. dia 8 as 13,49

R. G. \* 16 \* 16,50

R. G. \* 23 \* 12,38

Q. M. \* 30 \* 4,40

L. N. dia 8 as 13,49

R. G. \* 16 \* 16,50

R. G. \* 23 \* 12,38

Q. M. \* 30 \* 4,40

L. N. dia 8 as 13,49

R. G. \* 16 \* 16,50

R. G. \* 23 \* 12,38

Q. M. \* 30 \* 4,40

L. N. dia 8 as 13,49

R. G. \* 16 \* 16,50

R. G. \* 23 \* 12,38

Q. M. \* 30 \* 4,40

L. N. dia 8 as 13,49

R. G. \* 16 \* 16,50

R. G. \* 23 \* 12,38

Q. M. \* 30 \* 4,40

L. N. dia 8 as 13,49

R. G. \* 16 \* 16,50

R.

# A BATALHA

Todos os operários devem empregar os seus esforços  
no sentido de salvar "A Batalha"



## AS MODERNAS ROÇAS

Duma fábrica de produtos químicos do Campo de Santa Clara são despedidas vinte operárias por reagirem contra uma exploração ignobil

Veze sem conto *A Batalha* se tem referido à exploração ignobil de que a mulher operária é vítima, onde quer que as exigências do lar a levam a empregar a sua atividade. Porém, o facto que hoje vamos narrar ultrapassa todos os limites do já conhecido em exploração e em desvergonha patrón.

No Campo de Santa Clara existe uma fábrica de produtos químicos que há alguns anos emprega na manufatura de sabonetes perto de duas dezenas de mulheres. De inicio o horário de trabalho nessa fábrica era de oito horas para todo o pessoal, com entrada às 8 e meia e a saída às 17 e meia horas. O trabalho era de jornal e o salário máximo conferido a cada operária era de 6 escudos, salário já de si exassissimo, quase um escárnio para o exausto esforço exercido pelas mulheres, expostas a um estiolar calor de estufas e à intoxicação que emanava das matérias insalubres que aquela indústria empregava. Mas, como se não bastava esta má situação, o gerente da fábrica de Santa Clara, um tal António de Jesus Cardita, protótipo de despotismo, roceiro sem escrúpulos, deu-se a exigir que cada operária, em troca de tão miséria férrea, lhe apresentasse por dia a produção de 15 dúzias de sabonetes. Esta exigência obrigou a uma cistência do horário e as operárias passaram a sair mais tarde; surgiram novas exigências e por fim o trabalho não terminava mais das 20 e meia horas.

A's pobres operárias não faltavam desejos de protestar contra a prepotência vil do sr. Cardita, mas, a falta de trabalho, a carestia de tudo, faziam-as acobardar-se.

E o sobrachando mole ia carregando. Ao princípio, lindava uma compensação ao esforço que exigia a mais, pagava no fim da semana, pelas dezoito e mais horas suplementares, a importância de 6 escudos. E, pouco a pouco, foi diminuindo essa escarnharia importância, até que, por fim, as operárias foram contando além das férias, cédulas sujas na importância de 1 escudo e até 40 centavos!

Assim tiranizado, o pessoal feminino da fábrica de Santa Clara começou a rumorejar a sua indisposição, mas o despotismo Cardita ruminou umas surdas ameaças. As mulheres começaram a sua resistência por transgredir, a hora de entrada como resposta à transgressão da hora de saída que lhe impunham, mas não ultrapassaram as 9 horas. Logo Cardita se irritou e bradou altisonantemente, no meio da sua roça que o dono da sua casa era ele e que toda a operária que entrasse cinco minutos mais tarde que as 8 e meia horas seria inexoravelmente despedida. A primeira operária que incorreu nessa grave falta, o tirânico gerente descontou-lhe um quartel e estabeleceu como *transigência* para casos futuros essa mesma penalidade.

Nunca assomou de dignidade, as mulheres resolvem-se a não mais trabalhar horas suplementares e transmitiram a sua corajosa resolução ao seu despotismo Cardita. Este exasperou-se, depois de lhe ser as mulheres, as suas escravas terem dignidade e insurgirem-se contra o seu poder. Colérico e vingativo, respondeu, espumando de raiva, que estava bem mas que, pela boa sorte dos seus filhos, jai daquela que faltasse ainda que fosse por doença; porque o caminho seria a rua. Isto passou-se na terça feira, 17. E logo na quarta feira seguinte o gerente-sobrachando despediu uma operária, na sexta feira mais quatro e no sábado as restantes.

Assim mestre Cabrita—perdão, Cardita—consumia a infame ameaça que define bem o seu carácter, melhor definido ainda se atendermos a que já antes desse incidente fôr despedida uma operária doente, talvez por doença contraída em serviço, que era o amparo do seu lar, visto que o seu companheiro há muito se encontrava sem trabalho.

Mas o gerente Cardita também se chama Jesus, muito embora difira muito do lenda Rabi em ânimo pelo semelhante... e muito jesuíticamente fôr desculpado-se que os despedimentos obedeciam a falta de trabalho para as mulheres.

Moral de Tartufo. Então, zombo se compreende, como justifica o conspício gerente que houvesse trabalho se as pobres operárias não resistissem contra a ignobil exploração a que as queria sujeitar em troca dum perfeita miséria?

O que é mais estranhável é que havendo nessa fábrica, na roça de mulheres de Santa Clara, pessoal masculino, este não se temia insurgido numa justa defesa dos interesses das suas camaradas. Não sentirão estes homens a dor alheia? Não se aperceberão de que toda a sua conveniência está em que o patrão remunere convenientemente as mulheres que necessitam na sua fábrica? Oxalá que, embora tardivamente, se envergonhem.

A face da lei vigente,—a-pesar-de-as leis serem todas filhas da casta dos Cardistas—o gerente da fábrica de Santa Clara roubou as suas ex-operárias, visto que, despedindo-as sem aviso prévio e a meio de semana, lhes não pagou o que a lei preceitua. Consta-nos que as operárias despedidas vão proceder contra o explorador. Bem hajam. E bom seria que de futuro estes Carditas encontrassem da parte Ios homens que exploram a devida solidariedade às mulheres que tiraziam.

## Secção Telegráfica

### Federações

#### MOBILIÁRIA

Sindicato do Porto.—Recebemos ontem o vosso ofício e documentos. Breve responderemos.

Corticeiros de Belém.—Venham à sede da C. G. T. buscar os manifestos.

#### JUVENTUDES SINDICALISTAS.

João S. Melo.—Precisamos falar-te na Federação, quinta feira.

Aos Núcleos.—Respondam às nossas circulares com urgência.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

## LUTA DE CLASSES

### Para debelar a crise de trabalho, o governo alemão põe em prática um expediente já velho em Portugal

Tomou um carácter agudíssimo a crise económica da Alemanha. Centenas de milhares de trabalhadores permanecem numa imobilidade desoladora, reclamando insistentemente que se de uma solução qualquer, as suas temerosas dificuldades.

O capitalismo não tem forças nem competência para atenuar, sequer, uma crise que é um efeito da sua própria existência. O Estado tornou-se a providência do capitalista que, já mais, abdica do seu egoísmo, o pôr-a-chocas contra o proletariado, que ameaça revoltas irreprimíveis; mas fôs medidas que o Estado—o governo, as administrações—dia a dia, põe em prática, não resolvem mais que uma dificuldade da ocasião; e entretanto, o numero de desempregados aumenta de momento para momento.

O governo alemão lançou mão do expediente, já sediço em Portugal, pois dura desde que Fontes Pereira de Melo deu-se a lembrar: abrir obras públicas para diminuir a crise de trabalho! Pôi elaborado um largíssimo plano: intensificação e abertura de obras em construções de canais importantes, aplicando-se assim a soma de treze e meio milhões de marcos-ouro; electrificação de caminhos de ferro suburbanos de Berlim, gastando-se até à quantia de quarenta milhões de marcos-ouro; os serviços ferroviários serão melhorados e transformados, e aperfeiçoadas estações, pontes e oficinas e construindo-se material circulante. E, por fim, resolviu-se que todo este trabalho fôsse distribuído pelas regiões mais castigadas pela crise.

A direção do Sindicato dos Operários Manipuladores de pão de Santarém e Arredores, vem por este meio, trazer ao conhecimento de v. o seguinte:

«Propõe aos organismos representados na C. G. T. a imediata substituição dos seus delegados.

«Nomear de entre os actuais delegados que não tomaram parte no debate cinco membros que constituirão uma comissão para dar cumprimento às resoluções deste conselho, despacho ao expediente confederal e atender aos interesses dos presos junto do Conselho Jurídico.

«Esta comissão logo que esteja de posse todos os elementos convocará o novo conselho, eletivo, e o despedir o seu mandato.

«Enquanto se não constituir o novo conselho, a administração de *A Batalha* ficará a cargo do seu chefe.

«A igualmente a redacção será dirigida colectivamente pelos actuais redatores.

«Tanto a redacção como a administração ficam sujeitos ao controlo e orientação da comissão que fôr nomeada.

«Que nenhum dos actuais delegados que tenha tomado partido por quaisquer dos contendores, e fomentadores da grave questão em trânsito, volte a fazer parte do novo Conselho Confederal.

«Que a comissão nomeada se dirija imediatamente aos organismos aderentes à C. G. T. no sentido de dar praticabilidade o mais urgentemente possível à matéria contida nos números 2 e 3.

Estas resoluções foram acatadas por unanimidade pelo Conselho, procedendo-se à nomeação da comissão que ficou composta pelos camaradas Joaquim de Sousa, Faustino Ferreira, Carlos José de Sousa, Luís Gonçalves e Alfredo Lopes.

Antes de se encerrar a sessão, Manuel Nunes e João Miranda afirmaram que ao contrário do que se tem espalhado, a comissão de Federações não fez jogo, nem foi movida por entidades extranhas, como partido comunista, moscovíticos ou quaisquer outros. Os seus objectivos fôram bem claros como se verifica pelos extractos das sessões das reuniões da Federação.

A comissão que foi eleita já ontem iniciou os seus trabalhos, nomeando em substituição de Santos, Arranha; Joaquim de Sousa, director interino. Resolviu ainda oficiar a todos os organismos confederados para que nomeiem imediatamente os seus delegados ao futuro Conselho Confederal e reunir juntamente com os membros do Conselho Jurídico na próxima sexta-feira, 27, pelas 21 horas.

O mesmo garotello faz no fim do seu parvissimo artigo uma prece burrinha a Deus para que afaste os novos das ideias avançadas que conduzem ao pior dos precipícios. Entendemos em nome da piedade humana, dar-lhe um explêndido conselho: calar-se, deixando de escrever tolices a-fim-de que algumas pessoas condoidas pelo seu desarzano cerebral não se esforem por intervir, durante alguns anos, em Rilhafóis.

Chamamos a atenção de quem compete para tão importante assunto, se acaso ainda há um pouco de amor pela saúde pública.

#### Saúde pública

Vive a população desta localidade numa apatia perante os seus mais legítimos interesses e regalias, pois não trata de se defender do perigo que a sua actual situação pode trazer. Se não fôssem as circunstâncias climatéricas deste burgo, teríamos sempre a registrar epidemias, especialmente nesta quadra do ano; a falta de habitações, a falta de limpeza nas vias públicas, a falta de saneamento, falta de limpeza das habitações quer interior quer exterior e a falta de asseio e limpeza dos habitantes, contribuiria imenso para a propagação de qualquer moléstia contagiosa.

E' obrigação dos dirigentes desta localidade, olharem com atenção para a salubridade pública e por consequência pôrem em prática medidas atinentes a melhoras as condições higiênicas desta cidade. Não nos cansamos de dizer que muita coisa há a fazer nesta pacata e pôrca cidade, e já aqui apontámos nêste local as necessidades mais urgentes deste burgo, mas contudo vamos frisar aqui locais infectos e sujos que urge, para bem da saúde pública, fazer desaparecer e limpar.

Em pleno coração da cidade encontra-se um verdadeiro monturo que é o local onde esteve edificado o Recolhimento da Regueira, não sabemos se aquilo é pleno monte ou estrumeira ou se então está colocado na avenida Guedes Teixeira e por consequência centro da chegada de visitantes, que é lindissima mas indecente cidade.

Temos também um sítio ao fundo do Jardim de Canhões que só com máscaras para gases asfixiantes se pode passar ao anotecer.

Se vamos a dar uma nota dos locais sujos que predominam nesta cidade, não haveria espaço na *Batalha* que chegasse para isso, e por isso damos ligeiramente descrição dos sítios e arruamentos que a Câmara precisa para limpeza e proibir certos actos.

Temos o Largo da Seara como exemplo de sujidade de rua e de palavrado; rua Nova com os seus passeantes irracional; rua do Castelo; rua da Calçada; rua da Ponte; rua da Pereira; e para cômulo as travessas e ruas pouco frequentadas.

Em suma: esta só se lava e limpa quando chega a época das festas da cidade.

### Um desastre que ocasiona a morte dum empregado da Companhia do Gás

Quando na praia de Santo Amaro havia grande movimento, cerca das 18 horas, deu-se um desastre que consternou bastante todos os que o presenciaram.

O arraia dum cano convidiou a passar um grupo de indivíduos. Ainda não tinham percorrido uns oitocentos metros quando a canoa se voltou caindo ao mar os seus tripulantes. Os banheiros Abel Mateus e António Piloto acudiram com a maior rapidez conseguindo salvar o arraia Graciano, seu cunhado Jacob Ferreira, Luís Verissimo, Martins Costa, António dos Santos e o sargento Coutinho. Todos os esforços foram baldados para salvar Abílio Freire que desapareceu logo em seguida. Se não fôssem os banheiros acima referidos que, em três minutos, se puseram no local do infortúnio haveria mais mortes a lamentar.

## Escola sindical de Belém

Para se prosseguir nos trabalhos de organização de uma escola sindical em Belém, reúnem-se hoje as secções na área respectiva dos seguintes organismos: Sindicato Construção Civil, Metalúrgico, Corticeiros, União Textil e grupo dramático de Belém.

## Vida Sindical

C. G. T.

### Conselho Confederal

Reuniu ontem o Conselho Confederal a pedido da comissão de federações para dar conta dos trabalhos realizados e pôr os em execução.

Presidiu M. Henrique Rijo, secretariado por Sebastião Marques e Matias Rocha. Feita a chamada verifica-se estarem representados os seguintes organismos: Uniões de Faro, Evara, Setúbal e Lisboa; Federações: Rural, Cozinhos e Peles, Mobiliária, Construção Civil, Livro e oral, Vinicola, Corticeira, Metalúrgica e Ferroviária; Sindicatos isolados: Mineiros e Manipuladores de Pão. Foi lido um documento de M. Joaquim de Sousa, resolvendo-se que baixas ao futuro conselho.

Arranha expôs as resoluções da U. S. O. de Setúbal, que afirmou ser confederal, a qual resolveu aceitar as resoluções das reuniões das Federações. São lidas as resoluções tomadas nas reuniões das Federações e que são as seguintes:

«Propõe aos organismos representados na C. G. T. a imediata substituição dos seus delegados.

«Nomear de entre os actuais delegados que não tomaram parte no debate cinco membros que constituirão uma comissão para dar cumprimento às resoluções deste conselho, despacho ao expediente confederal e atender aos interesses dos presos junto do Conselho Jurídico.

«Esta comissão logo que esteja de posse todos os elementos convocará o novo conselho, eletivo, e o despedir o seu mandato.

«Enquanto se não constituir o novo conselho, a administração de *A Batalha* ficará a cargo do seu chefe.

«A igualmente a redacção será dirigida colectivamente pelos actuais redatores.

«Tanto a redacção como a administração ficam sujeitos ao controlo e orientação da comissão que fôr nomeada.

«Que nenhum dos actuais delegados que tenha tomado partido por quaisquer dos contendores, e fomentadores da grave questão em trânsito, volte a fazer parte do novo Conselho Confederal.

«Que a comissão nomeada se dirija imediatamente aos organismos aderentes à C. G. T. no sentido de dar praticabilidade o mais urgentemente possível à matéria contida nos números 2 e 3.

Estas resoluções foram acatadas por unanimidade pelo Conselho, procedendo-se à nomeação da comissão que ficou composta pelos camaradas Joaquim de Sousa, Faustino Ferreira, Carlos José de Sousa, Luís Gonçalves e Alfredo Lopes.

Antes de se encerrar a sessão, Manuel Nunes e João Miranda afirmaram que ao contrário do que se tem espalhado, a comissão de Federações não fez jogo, nem foi movida por entidades extranhas, como partido comunista, moscovíticos ou quaisquer outros. Os seus objectivos fôram bem claros como se verifica pelos extractos das sessões das reuniões da Federação.

A comissão que foi eleita já ontem iniciou os seus trabalhos, nomeando em substituição de Santos, Arranha; Joaquim de Sousa, director interino. Resolviu ainda oficiar a todos os organismos confederados para que nomeiem imediatamente os seus delegados ao futuro Conselho Confederal e reunir juntamente com os membros do Conselho Jurídico na próxima sexta-feira, 27, pelas 21 horas.

Anteriormente, o Conselho Confederal nomeou a comissão que fôr nomeada para substituir os delegados.

«Nomeação dos cargos vagos de secretário geral e secretário administrativo.

Apreciar os pareceres da comissão revisora de contas e comissão de inquérito a Pedro Ortiz.

Dada a importância dos trabalhos a realizar, principalmente do seu primeiro número, que é preciso que fique resolvido para o bom andamento da Câmara Sindical de Trabalho, torna-se indispensável que todos os delegados compareçam.

Comissão instaladora

Foi dada posse aos delegados Raul Castro e Guilherme Artilheiro, respectivamente secretário adjunto e tesoureiro da comissão instaladora, sendo a posse conferida pelo arquivista desta comissão. Os empregados reuniram-se em seguida e trataram de vários assuntos pendentes desta comissão.

Resolveram reunir-se na próxima sexta-feira, caso sejam nomeados na reunião de hoje do conselho os secretários geral e administrativo.

COMUNICAÇÕES

Sindicato Único Metalúrgico—Reuniu-se a comissão administrativa que apresentou o expediente de que constava: ofício de Abílio Jaim Barreiro, sendo o seu conteúdo tomado em consideração; ofício da Secção Metalúrgica de Belém, notificando que a sua comissão administrativa é actualmente composta de dois camaradas, sendo resolvido oficiar-lhe no sentido da comissão ser recomposta com camaradas agregados.

Foi resolvido fazer uma sessão de homenagem à memória do militante metalúrgico Francisco Viana, no dia 19 de setembro p. f., sendo inaugurado nesse dia um retrato do seu, convidando todos os organismos operários a fazer-se representar. Foi apreciada a atitude dos cobradores sentido de tomarem de reunião a comissão administrativa.

Comissão de Secção dos carpinteiros—

Segunda feira, pelas 21 horas, a assembleia geral que se deveria efectuar-se hoje.

O SINICALISMO EM MARCHA

Reorganizou-se o sindicato da construção civil de Vizeu

VIZEU, 23 (atrasado).—Com farta concorrência realizou-se uma reunião dos operários da construção civil